



QUE SEJA ETERNO ENQUANTO DURE, QUE SEJA ETERNO ENQUANTO DURO: NARRATIVAS PARA A HISTÓRIA E A PSICANÁLISE (1900-1950).

Valdinar da Silva Oliveira Filho*

Resumo: Este texto faz parte da retomada de uma pesquisa iniciada e financiada pelo CNPq entre os anos de 1996 e 2001 na Universidade Federal da Paraíba -UFPB campus II, Campina Grande – atual UFCG -; no entanto, diferentemente daquela época e momento este texto busca estabelecer às relações teóricas e metodológicas possíveis entre as interfaces da História e da Psicanálise. Entre 1996 e 2001, sob orientação do professor doutor Durval Muniz de Albuquerque Júnior¹, desenvolvi pesquisas sobre a invenção

* Doutor em História (Universidade Federal Fluminense – UFF – Niterói, Rio de Janeiro. Ano de obtenção do título de doutor 2010). Professor Doutor Adjunto II – Dedicção Exclusiva -; concursado do quadro efetivo da Universidade Estadual do Piauí – UESPI – campus Poeta Torquato Neto, desde 30/06/2004. E-mail: valdinarfilho@gmail.com.

¹ Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (1982), mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas (1988) e doutorado em História pela Universidade Estadual de Campinas (1994). Atualmente é professor permanente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tem experiência na área de História, com ênfase em Teoria e Filosofia da História, atuando principalmente nos seguintes temas: gênero, nordeste, masculinidade, identidade, cultura, biografia histórica, produção de subjetividades e história das sensibilidades. Doutorado em História (1990 – 1994) - Universidade Estadual de Campinas_Título: O Engenho Antimoderno: a invenção do Nordeste e outras artes Robert Wayne Andrew Slenes. Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil. Palavras-chave: nordeste; invenção; região; discurso; preconceito; regionalismo. Grande área: Ciências Humanas. Setores de atividade: Educação; Produtos e Serviços Recreativos, Culturais, Artísticos e Desportivos. Mestrado em História (1983 – 1988), Universidade Estadual de Campinas -Título: Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino - de problema à solução (1877-1922),Ano de Obtenção: 1988 -Orientador: Robert Wayne Andrew Slenes. Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, Brasil. Palavras-chave: seca; nordeste; invenção; imaginário; problema; regional. Grande área: Ciências Humanas. Setores de atividade: Educação; Produtos e Serviços Recreativos, Culturais, Artísticos e Desportivos. Graduação em Licenciatura Plena em História (1979 – 1982) - Universidade Estadual da Paraíba. PÓS-DOCTORADO (2012 – 2013) - Pós-Doutorado. , Universidade de Coimbra, UC, Portugal. , Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, Brasil. , Grande área: Ciências Humanas (2001 – 2002) - Pós-Doutorado. , UNIVERSIDADE DE BARCELONA, UB, Espanha. , Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.



histórica do Nordeste e do nordestino, da emergência histórica dos termos “Nordeste” e “nordestino”, da identidade e “cultura nordestina” como uma relação histórica entre o cruzamento de uma identidade regional e uma identidade sexual e a masculinidade, a violência e o gênero como elementos constitutivos do que é ser homem dentro e fora da região.

Palavras-chave: História; Psicanálise; Narrativas Históricas.

LET IT BE ETERNAL WHILE IT LASTS, LET IT BE ETERNAL WHILE HARD: NARRATIVES FOR HISTORY AND PSYCHOANALYSIS (1900-1950).

Abstract: This text is part of the resumption of a research initiated and funded by CNPq between 1996 and 2001 at the Federal University of Paraíba - UFPB campus II, Campina Grande - current UFCG -; however, unlike that time and moment this text seeks to establish the possible theoretical and methodological relations between the interfaces of History and Psychoanalysis. Between 1996 and 2001, under the guidance of Professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior, I developed research on the historical invention of the Northeast and the Northeast, the historical emergence of the terms "Northeast" and "Northeastern", identity and "Northeastern culture" as a historical relationship between the crossing of a regional identity and a sexual identity and masculinity, violence and gender as constitutive elements of what it is to be a man inside and outside the region.

Keywords: History; Psychoanalysis; Historical Narratives;

Você escreve a partir das suas próprias vivências, e isso é muito característico também do que eu escrevo. Tudo que eu escrevo tem a ver com o que eu vivi. Todos os meus livros, vocês vão ver, lá na introdução eu vou falar da experiência pessoal que motiva a escrita daquilo. Nada do que escrevo ou produzo não tem a ver com minha vida. Tem, sim, a ver comigo. E acho que todo mundo que escreve, tem a ver com algo que faz. Acredito que essa dimensão existencial da escrita, do pensar, é muito claro e forte em Foucault.



Não se escreve somente por causa da profissão, ou porque se ocupa um lugar na academia. Não se produz por produzir. Produz-se porque se tem algo a dizer, a partir de uma experiência que é sua (ALBUQUERQUE JÚNIOR: 2016).

Na citação acima “suspeito” que alguns conceitos da Psicanálise podem servir para começo de “conversa” e problematização entre as narrativas da história de uma pessoa, de um sujeito da história e de um autor. Os conceitos de “Sujeito”, “Real”, “Inconsciente”, “Transferência”, “Associação Livre”, “Desejo”, “Castração”, “Recalque”, “Trauma” podem ser um bom “ponto de partida” para se pensar as possibilidades e limites entre as interfaces da História e da Psicanálise.

A “Transferência” refere-se na atualização de afetos, relações, identificações, escolhas de objeto que estão na história sexual, na história narcísica, na história desejante naquela pessoa. A transferência é basicamente um caso específico de um princípio de repetição. De que a gente repete com o outro aquilo que nos formou até aquele momento. Essa transferência é crucial, mas ela pode se desdobrar em algumas variantes, por exemplo, quando a gente fala sobre o nosso modo de amar a gente fala em “transferência positiva” e quando a gente fala sobre o nosso modo de odiar se estar a falar de um modo de “transferência negativa”. Quando se refere ao modo de relação de desprazer e prazer falamos em uma “transferência erotizada”. Quando se fala em querer agradar ou se adequar ao outro vai acontecer a “transferência narcísica”. A “transferência” não é algo específico do tratamento psicanalítico, pois a mesma ocorre de maneira espontânea no nosso cotidiano, nas relações com as pessoas com quem a gente nutre admiração ou autoridade, por exemplo, com os nossos professores queridos, com os nossos médicos queridos, com as pessoas que a gente tem em “alta conta” a gente faz ou pode fazer uma “transferência”.

Mas é possível pensar o conceito de “transferência” tal qual explicado acima quando se pensa a história de vida de uma pessoa e a relação dessa “vida” com a sua produção intelectual? Passo a narrar uma história de vida abaixo e deixarei a “imaginação” a critério do leitor se as narrativas abaixo estão ou não presentes os elementos constitutivos que remetem a configuração e definição dos conceitos da psicanálise, não só o de transferência, mas também os de inconsciente, desejo, associação



livre, recalque, castração, sujeito, real e trauma, ok? A definição e relação dos demais conceitos iremos fazer ao longo das narrativas desse texto e das histórias que estamos apresentando.

Um “paraíba” nascido no dia 22 de junho, mas o pai registrou-o no dia vinte do mesmo mês de 1961; viveu até os catorze anos (14) na Fazenda Nossa Senhora Aparecida, município de Boqueirão na região do cariri paraibano; correu atrás de vacas e cabras; limpou mato, plantou e colheu milho, feijão e algodão; estudou nesse mesmo local até o antigo quarto ano primário, tendo sido ensinado por sua mãe paulista que foi sua professora, todas as tardes, na sala de jantar de sua casa; fez o exame de “admissão” ao ginásio em 1971 e passou a viajar todas as noites num jeep de um vizinho para a cidade de Boqueirão, onde no Colégio Comercial Padre Inácio fez até a oitava série do antigo ginásio escolar; em 1976 muda-se com a mãe e os irmãos, da fazenda para a cidade de Campina Grande, onde residiu no bairro Liberdade e cursou o antigo “científico” no Colégio Estadual Américo de Almeida, conhecido como Estadual da Prata”; participou de grupos de jovens católicos da “Pastoral da Juventude”, indo à missa todo domingo cantar no coral da Igreja de Bodocongó; em dezembro de 1978, um ano antes de concluir o “científico”, tem parte de seu braço direito amputado por uma máquina forrageira², ao

² “tem parte de seu braço direito amputado por uma máquina forrageira, ao passar o final do ano na fazenda de seu pai; entre os dezessete (17) e dezoito (18) anos – 1978-1979 - não só é aprovado no vestibular como descobriu que o desejo que ele sentia dentro dele é chamado de homossexualidade” – o caso do “pequeno Hans”: trata-se da análise de uma fobia de uma criança de cinco anos e que veio à público em 1909. Esse é um caso que é uma espécie de paradigma para a clínica com crianças, mas que não foi propriamente atendido pelo Freud. Um amigo interessado em psicanálise, no caso o próprio pai do pequeno Hans, trazia as conversas e as novidades que ele tinha com o filho e Freud discutia o que estava acontecendo com esse pai uma espécie de “supervisão”. E por duas vezes Freud teve um encontro presencial com o pequeno Hans. Um caso em que uma criança começa a desenvolver um temor em sair de casa. Ela não quer sair de casa e isso acontece depois do nascimento de uma irmã, a Hanna. Ele começa a ficar “amuado” e a erguer essa “barreira” de proteção até que se descobre que ele não quer mais sair de casa porque lá fora existem cavalos e ele tem muito medo dos cavalos. E, portanto, é preciso resolver o “enigma” de porque ele que gostava tanto de cavalos, de repente passa a sentir muito medo dos mesmos. Freud, então, pergunta ao pequeno Hans o que ele associa com os cavalos? E, Hans responde: os cavalos mordem (acrescentando), que lembrava que um cuidador de cavalos em Viena havia dito a ele que não colocasse sua mão muito próxima da boca dos cavalos porque eles mordem. E Freud intuiu que aquilo poderia ser um protótipo para o sentimento de ameaça corporal que muitas vezes se encontra na “clínica” ligada à fantasia de castração. Ou seja, o temor de perder os dedos é um símbolo do temor de perder uma parte qualquer do corpo ou, por exemplo, no caso do pequeno Hans o seu pênis. E a ‘conversa’ (entre Freud e o pequeno Hans), de fato evoluiu para essa parte do corpo porque o Hans traz e traz mais elementos da sua investigação sobre a sexualidade, ou seja, da sua “teoria sexual infantil”. E essa teoria passa num dado momento pela pergunta: será que todos os seres têm um “pipi” que faz alguma coisa? Porque será que Hanna não tem um “faz pipi”?

passar o final do ano na fazenda de seu pai; entre os dezessete (17) e dezoito (18) anos – 1978-1979 - não só é aprovado no vestibular como descobriu que o desejo³ que ele sentia

Será que a mãe tem um “faz pipi” ou o pai como ele adquiriu o “faz pipi”? Se ele tem um faz pipi será que ele poderia perde-lo (o seu próprio “faz pipi”)? Aí é que entra a função simbólica do cavalo como uma espécie de animal “totêmico”, que Freud diz: quem será esse animal totêmico no caso do Hans? E numa das visitas o Freud pede para que Hans desenhe o cavalo. Hans desenhou o cavalo colocando a parte da boca, justamente a parte que morde, colocando uma espécie de “rachura/rabisco”. E o Freud achou aquilo muito curioso, pois aquilo ganha destaque no desenho. Daí Freud olha para o pai do pequeno Hans e percebe que ele ostenta um grandioso bigode. Freud então “brinca” com o pequeno Hans dizendo: esse cavalo parece que tem um bigode? O pequeno Hans diz que é um bigode, o bigode do pai dele. Para Freud esses são sinais de uma “transferência”. A gênese da fobia está ligada ao momento em que Hans, o pai e a mãe vão fazer uma temporada de férias, saem de férias. E lá, então, o pai volta para trabalhar sendo que de quando em quando ia visitar a família. E Hans desenvolve a partir daquele momento uma ambiguidade, uma ambivalência, pois diz assim: eu gosto quando eu fico com a minha mãe; eu gosto quando eu fico sozinho com a minha mãe; eu gosto quando eu vou para a cama da minha mãe dormir só eu e ela; eu gosto quando ela me lava, quando ela me limpa, quando ela me toca, ou seja, uma série de declarações que estão falando da passagem desses cuidados que as mães e os pais tem com os seus filhos, mas que são cuidados que também vão se infiltrando a partir de um determinado momento numa relação sensual; numa relação de descoberta de prazeres, de toques e o pequeno Hans está com essa descoberta sendo que, ao mesmo tempo, começa a perceber que existe uma figura que interdita, uma figura que atrapalha, por exemplo, quando vem o pai ele não dorme junto com a mãe dele etc. Nesse momento aparece então os primeiros momentos de angústia. O pequeno Hans começa a acordar a noite, com medo do cavalo, ele sonha com o cavalo, ou seja, a fobia começa a ganhar mais e mais terreno para ele, por quê? Segundo Freud, a fobia é uma espécie de solução de sintoma primário que o Hans está construindo para entender qual é o lugar dele entre o pai, a mãe, Hanna e ele. Tudo indicava que ele estava funcionando em torno de uma fantasia: do pai que ele gosta, que ele admira e que é um grande companheiro de jogos, que é um grande protetor, e, também aquela figura com o qual ele tem sentimentos hostis. É também aquela figura que ele gostaria que fosse embora e nunca mais voltasse. E o nascimento da irmã, Hanna, entra aí como uma espécie de símbolo, como uma espécie de signo que diz a ele existe uma diferença no corpo, uma diferença que remete a sexualidade. Ele, Hans, entende que Hanna (ele ver Hanna numa bacia com sangue – quando a Hanna nasceu- ele acha que isso deve ser uma coisa agressiva etc), é um elemento para a sua fobia. Na medida em que Freud e Hans vão falando desse medo fóbico, a fobia vai também se transformando. Nesse sentido, Hans não só passa a ter medo do cavalo, mas também a ter medo do cavalo quando está com uma carroça. E ele tem medo que o cavalo desacople e vire a carroça numa curva etc. Freud leu isso como um progresso de simbolização porque a carroça parece então está simbolizando a mãe, a mãe que se encaixa, que se liga, que se funde com o pai, e que, passa a ser um protótipo da sua angústia. A partir daí começa a ficar claro como o pequeno Hans pode progredir sobre a sua descoberta sobre o desejo, e, ao mesmo tempo, tratar a sua fobia. A sua fobia tem relação com a fantasias. E é justamente quando ele chega na fantasia com o encanador, ou seja, que a gente pode estar numa banheira (a banheira que estava a Hanna), e vem um encanador e ele atarracha ou desatarracha um cano. Em outras palavras, uma alusão, ele o encanador tira um “pênis” de um “corpo” (um cano da banheira). Essa simbolização, imaginalização dada por uma fantasia expressa parece ter finalmente uma função de solucionar a fobia etc. Hans, então, passa a ir para à rua, se reconcilia com os cavalos etc. isso mostra a eficácia das conversas que ele estava tendo com o pai atravessado e apoiado pelo Freud.

³ A definição de “Desejo” na psicanálise diz que o desejo é o retorno a traços mnêmicos de satisfação, ou seja, o desejo é sempre um retorno, é uma volta. Uma volta àquela experiência que um dia se formou e que deixou traços mnêmicos, e, esse “traço” precisa ser repetido para que o desejo se realize. O desenvolvimento mais forte sobre o “desejo” vai se dar no ano de 1900 “A interpretação dos sonhos” onde o Freud vai dizer que o sonho é uma realização alucinada (como se fosse um pequeno filme; um conjunto de imagens que ver), uma realização alucinada de um desejo. De um desejo que é sexual em sua origem, mas que se liga com um desejo “pré-consciente”, com um desejo disponível na consciência para produzir essa regressão, por exemplo, no caso dos sonhos. Logo, o desejo é o desejo de retornar a traços mnêmicos de satisfação, é



dentro dele é chamado de homossexualidade (chegou-se a casar com uma mulher, mas o casamento durou pouquíssimo tempo); fez o curso de Estudos Sociais na Universidade Regional do Nordeste (URNE – atual UEPB); no ano seguinte com a criação do curso de Licenciatura Plena em História, faz a opção por este curso e conclui o mesmo em 1982; tendo ingressado na universidade em 1979, neste mesmo ano foi convidado para ministrar aulas no “Curso Campinense” à época o maior cursinho pré-vestibular da cidade; enquanto cursava a graduação em História também lecionava em outros colégios da cidade – NESA, Alfredo Dantas, Rui Barbosa, CEPUC e Regina Coeli – ministrando aula de História Geral e do Brasil para alunos da sétima e oitava séries do “primeiro grau” e da primeira à terceira séries do “segundo grau”, além de aulas para alunos do “supletivo” de primeiro e segundo graus e do pré-vestibular.

Participou do movimento estudantil e foi eleito secretário do DCE e representante estudantil junto ao CONSUNI (Conselho Universitário). Tendo se tornado “marxista” abandona a igreja, ajuda na fundação e se torna militante do Partido dos Trabalhadores (PT). Foi locutor do primeiro comício de Lula em Campina Grande, em 1982. Tendo concluído a graduação em História se submeteu e foi aprovado no Mestrado na UNICAMP em “História Social do Trabalho”, para a linha de pesquisa intitulada à época “Capitalismo e Agricultura”, onde apresentou um trabalho que visava estudar os conflitos pela terra ocorridos nas localidades de “Alagamar” e “Piacas”, no agreste paraibano. Em Campinas, passa a morar com um tio materno. Na UNICAMP cursou disciplinas ministradas pelos professores (as): Maria Silva de Carvalho Franco, Ítalo Tronca, Hector Bruit e Nazareth Baudel Wanderley. Faz os “créditos” das disciplinas do mestrado em 1983 e no primeiro semestre de 1984 retorna a Campina Grande onde, em novembro foi aprovado num concurso público de provas e títulos para ocupar a vaga de professor auxiliar do Departamento de Sociologia e Antropologia da UFPB, na área de História Geral e do Brasil. Ministrou disciplinas como: História dos Movimentos Sociais, História Antiga Oriental, História Econômica Geral, História Econômica do Brasil, História do

o desejo de voltar a desejos infantis, é um desejo também deformado, pois ele aparece de forma alucinatória não aparecendo de forma transparente, de uma maneira direta. Por isso, o sujeito não reconhece o conteúdo latente, ele não reconhece os desejos que estão sendo realizados ali. Para saber sugiro DUNKER (2017);

Brasil III e IV, História da Paraíba II, Métodos e Técnicas de Pesquisa e História do Nordeste.

Ainda na UNICAMP conheceu o pensamento de Michel Foucault e com a “nova história” mudando sua forma de pensar seu ofício, inclusive alterando o tema inicial da sua dissertação. Em 1988 sob a orientação do professor Robert Andrew Slenes defende a dissertação intitulada **Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino (de problema à solução – 1877/1922)**⁴. A banca examinadora foi composta por seu orientador e pelas professoras Maria Stela Brescianni e Izabel Marson. Uma vez mestre passa a fazer parte do Programa de Pós-graduação em Sociologia Rural ministrando disciplinas e orientando suas primeiras dissertações de seus orientandos mestrands.

Com a criação do Departamento de História e Geografia (DHG) passou a integrar seu “corpo” docente. Em 1990 retorna à UNICAMP para cursar o doutorado em História Social do Trabalho, apresentando um projeto para estudar o papel dos nordestinos na formação da classe operária brasileira. Cursou disciplinas no doutorado com os professores: Alcir Lenharo (que se tornaria seu co-orientador devido a viagem de estudos empreendida pelo seu orientador o professor Robert Andrew Slenes), Margareth Rago e Edgar De Deca foram seus outros professores.

Em 1994 defendeu a tese de doutorado intitulada **O engenho anti-moderno: a invenção do Nordeste e outras artes**. A banca examinadora foi composta pelos professores Alcir Lenharo, Edgar De Deca, Margareth Rago, Luís Carlos Dantas e Celso Favaretto, sendo a tese aprovada com louvor.

Em 1996 se torna pesquisador do CNPq que entre outros projetos desenvolvidos obtivera como resultado de uma de suas pesquisas a confecção do livro **Nordestino: uma invenção do “falo” – uma história do gênero masculino (nordeste – 1920/1940)**. Em

⁴ “A minha tese de doutorado tem uma escrita muito diferente da minha dissertação de mestrado. Por isso, nunca publiquei minha dissertação. Ela foi resumida em um artigo que foi publicado na *Revista Brasileira de História* no número 28. Eu nunca a publiquei, não por causa do conteúdo, mas em função do estilo. É um texto que não tem mais minha cara, do ponto de vista do estilo e da escrita. As pessoas estranhariam muito o Durval Muniz que apareceria ali, porque ainda era uma escrita muito conceitual, abstrata, escrita típica de sociólogos onde os conceitos assumem o lugar dos agentes. Nessa escrita não há sujeitos, eles são categorias”. In: Revista TEL, Irati, v. 7, n.1, p. 09-33, jan. /jun. 2016- ISSN 2177-6644 in: Revista TEL, Irati, v. 7, n.1, p. 09-33, jan. /jun. 2016- ISSN 2177-6644;



2001 fez estágio pós-doutoral na área de educação na Universidade de Barcelona (Espanha), sob supervisão do professor Jorge Larrosa.

Este “paraíba” filho de um cabra macho paraibano e de uma mãe paulista atualmente é professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Em suas próprias palavras sobre a invenção do Nordeste, do nordestino, da sua vida e da sua história ele afirmou: “Para Maria minha mãe, que me pariu ‘Nordeste’ e me fez sonhar ‘São Paulo’” e “A Durval, meu pai, por me ensinar, ao longo dos anos, as dores e as delícias de ser homem no Nordeste” (ALBUQUERQUE JÚNIOR: 2001;2003), respectivamente.

Um “trauma” (físico e/ou psíquico), uma “castração”, um “recalque”, uma “associação livre” e o “inconsciente” podem ser pensados, apresentados e problematizados a partir da relação entre a história de vida de uma pessoa e a história intelectual da mesma, sem para isso o “sujeito” tenha que estar deitado no “divã”?

Eu acho que para uma pessoa que saiu do interior do Nordeste, de uma fazenda, que teve que estudar em casa pois não teve acesso à escola, que teve que fazer a segunda fase do primeiro grau viajando de carro num jipe à noite, andando 12km para cá e para lá, chegar onde cheguei é uma vitória.

Quando eu politicamente me posiciono e venho à público, e uma das coisas que mais me apavoram no momento são os intelectuais silenciosos, intelectuais que somem do debate político, que não vêm à público no momento decisivo do país para colocar a "cara a bater", pois nossos intelectuais estão em grande medida calados, é porque eu tive uma trajetória de vida, eu convivi com pessoas e conheci uma realidade de sertão, do Cariri paraibano, uma realidade em que poucos como eu sobreviveram. Mesmo sendo filho de um proprietário de terras minha família foi se empobrecendo à medida que as gerações foram passando e a terra foi sendo dividida. Cada geração era mais pobre que a outra. Na minha geração, quem não estudou transformou-se em "peão", não tem mais nenhuma posição social. Meus primos que não estudaram migraram e trabalham atualmente como porteiros em prédios no Rio ou em São Paulo ou nas obras do metrô. Ou seja, na verdade empobreceram, proletarizaram-se definitivamente. Eu sou neto e bisneto de um coronel. E por isso, cheguei onde cheguei. Mas mesmo assim, veja, na minha casa sou o único que tem curso superior e exerce a profissão. Meus outros irmãos não possuem curso superior. Meu irmão mais novo tem, mas não exerce a profissão e minha irmã e irmão mais velhos não terminaram a Universidade. Só eu e meu irmão mais novo fizemos o curso superior. E isso dado as dificuldades.

Minha mãe em um determinado momento teve que montar uma escola para dar aulas para as crianças da localidade onde morávamos. Ela foi minha grande inspiração. Devido a gravidez de risco e o machismo do meu pai, que não podia ver minha mãe com uma profissão e ganhando dinheiro, ela acabou fechando a escola e deixou todo mundo da zona rural onde morávamos sem escola. E era



uma área que não tinha a menor possibilidade... Então acho que a gente nunca consegue fazer tudo aquilo que quer na vida. Dizer que eu tenho fracassos é faltar com a verdade. Pelo contrário. A vida tem sido muito generosa comigo e eu tenho trabalhado muito para isso também. Posso dizer que tenho uma estrela bastante grande. Agora mesmo acabei de receber um e-mail, na qual tive a notícia de que o livro *A invenção do Nordeste* acabara de ser publicado nos Estados Unidos. Estarei recebendo algumas cópias que estão sendo posta nos correios para mim. Isso é uma emoção. Quando eu tiver o livro nas mãos serei um autor internacional. Para quem saiu do Cariri paraibano e se tornar alguém internacional, ter livro em inglês e dizer que tem fracasso seria muito mesquinho da minha parte. É claro que a vida foi muito generosa comigo e ao mesmo tempo trágica. Sofri vários acidentes até que no último tive a mão direita amputada.

Não tenho grandes arrependimentos na vida. Acho que, em grande medida, o sucesso de qualquer pessoa tem a ver com o tipo de relação que ele mantém com os outros. As pessoas estão muito enganadas quando acham que o sucesso acadêmico depende exclusivamente de sua produção acadêmica. Isso não é verdade. No Brasil, e em qualquer lugar do mundo, as relações pessoais são fundamentais na carreira. Eu aprendi isso e reforcei ainda mais essa opinião agora que estou lendo uma série de biografias de intelectuais, pois irei escrever uma biografia de Luís da Câmara Cascudo, e vejo como as relações pessoais e a forma como você estabelece relações com os outros são decisivos na trajetória de todos.

Nunca fui quadro de ninguém em nenhum lugar. E nunca quis que aluno fosse quadro meu. Nunca quis que aluno fosse meu seguidor. Não procuro seguidores na sala de aula. Tive muitos professores que quiseram ter muitos seguidores, mas acho isso um equívoco. Valorizo o Robert Slenes justamente por que ele nunca me proibiu de assistir disciplina com quem quer que fosse. Acho que tenho sido muito ajudado por meus amigos. Eu não tenho nenhuma dúvida em dizer isso. Não ajudado no mal sentido, de fazer qualquer coisa, qualquer "jeitinho" ou trapaça, mas ajudado no sentido de ser corrigido. Eu como professor e orientador sou muito franco e sincero. Eu não escondo nada dos meus alunos e orientandos. Crítica que tiver que ser feita eu faço, porque acho que é isso que faz a pessoa crescer. Mas isso não significa que não tenho com eles uma boa relação pessoal. Uma coisa básica para qualquer pessoa crescer é ser humilde. Isso eu digo sempre aos meus alunos. Se você não tem a humildade de escutar - a coisa que mais fala Paul Ricoeur - tudo vem abaixo. A filosofia de Ricoeur está centrada nisso. Ora, como você vai ser um bom historiador se você não escuta? Se você não escuta o outro, como você vai escrever sobre ele? Você vai monologar. Ao historiador, a capacidade de escuta é fundamental, portanto.

O futuro está sempre aberto, têm várias possibilidades. E a grande dificuldade do historiador é porque normalmente o historiador sabe onde a História "vai dar" e ele não pode contar a história como se ela necessariamente tivesse dado onde ela deu. Todavia, o historiador tem que contar a História mostrando as possibilidades que ela teve em um dado momento de ser diferente do que ela se tornou. O historiador tem a vantagem de saber onde a História terminou, mas isso também constitui uma desvantagem, porque pode induzir a acreditar que esse era o único caminho. Aquela ideia de necessidade da História que está tão presente no marxismo, a ideia de racionalidade na história, que vem do hegelianismo, que está em Marx e que também vêm de Hegel, ou seja, existe uma "mão da razão" e da racionalidade presidindo a História.



Experiência é aquilo que emerge, corta e rompe. É um choque. Experiência é tudo aquilo que te marca, porque rompe e corta. Aquela famosa frase dele no Nietzsche, a Genealogia e a História: "O Saber é feito para cortar". Ele fará uma ironia com os críticos dele no final de A Arqueologia do Saber: "Vocês que querem me encontrar em algum lugar, querem me rotular. Eu já não estou mais no lugar onde você me espreita". Todas as vezes que você vai tentar rotular Foucault, ele já não está mais no lugar onde você quer rotular, pois ele já está em outro lugar. Porque para ele experiência é aquilo que ele vai fundamentalmente ler em Maurice Blanchot, que é a ideia de "experiência-limite", a experiência que corta. E a experiência que é limite (ALBUQUERQUE JÚNIOR:2016).

Citação longa, mas necessária para nossa discussão. O "Inconsciente" existe? E "Consciência Histórica"⁵ existe? Aliás, o "inconsciente" não é nenhuma invenção do

⁵ Sobre os desassossegos contemporâneos: "Olhando para a história, mesmo sabendo que ela é feita de inúmeras versões interessadas e interessantes, só podemos concluir que este mundo que acabamos de descrever só é possível ser imaginado através de utopias retrospectivas, românticas, que projetem para o passado nossos desejos e aspirações para o futuro. Nunca houve economias, organizações políticas, culturais e identidades fechadas em si mesmas, completamente alheias ao estrangeiro, ao forasteiro, ao invasor, ao colonizador, ao salteador, ao nômade, ao conquistador, ao missionário, ao catequizador, ao apóstolo, ao artista, ao migrante, ao depredador, ao guerreiro, ao mercador, ao traficante, ao diferente, ao estranho, ao exótico, ao bizarro, ao fascinante, ao belo, ao bom de escutar, ao bom de falar, ao prazer de dançar, à dádiva, ao sonho, à imaginação, ao desejo. Nunca houve nada no humano que não seja relacional, que não seja abertura para o outro, para a diferença, para a incômoda presença do estranho, fora e dentro de si mesmo. Portanto, todas as fabricações humanas são conflitivas, complexas, ambíguas, são agônicas, nascem da luta pela apropriação, pela colonização, pela nomeação, pela classificação, pela dotação de sentido, de significado, de utilidade. Tudo no humano é desassossego, é a busca incessante de construir um si mesmo com matérias que já lhe são alheias e estranhas desde o princípio, pois na origem não se encontra a identidade senão a dispersão e a interrogação que não cessa de problematizar-nos: Quem somos? A resposta a esta pergunta é sempre a tentativa de construirmos tapumes para o nosso vazio ontológico, a simulação constante de situações, identidades e conceitos que pareçam tornar tudo perene, estático, cristalizado, garantido para sempre apesar de todo fluxo, mutação, temporalidade, fuga, precipitação no vazio, portanto, crise. Esta é nossa máxima verdade, somos seres sempre em crise, vivemos em crise, umas mais profundas, cruéis, intensas, conforme o grau de consciência que delas temos e conforme elas nos atingem. Podemos dizer que tudo que o homem fez de perdurável ao longo da história foi em busca de evadir-se de sua finitude, de sua condição de ser mortal. Seus impérios, monumentos, obras de arte, aparatos tecnológicos, conhecimentos científicos, seus documentos e conquistas, suas formas de pensamento e escritura, suas filosofias e religiões, foram formas de tentar algo de perene, de eterno, de imortal, de contínuo, de único, algo de idêntico a si mesmo, algo que fosse vencedor do caráter ruinoso do tempo. Em cada época o homem se mostrou inconformado com as mudanças que se produziam ao seu redor, as considerou uma perda de si mesmo, um distanciamento de seu rosto original, tentou freia-las ou buscou na aceleração delas a chegada mais rápida a uma situação de equilíbrio, de redenção, de perfeição dele próprio e da sociedade, onde finalmente os homens superaríamos o desassossego, teriam paz, encontrariam com sua identidade perdida desde a origem, recuperariam seu lugar neste ou no outro mundo. Em luta contra as forças da dissidência, do descentramento, da corrosão, contra os processos divergentes, contra o rizomático, o micro-político, contra as formas de resistência locais, parciais, minoritárias, os homens construíram suas grandes máquinas de centralização, de totalização, como o Estado, as instituições sociais, as metanarrativas. Máquinas de captura dos micro-poderes, de colonização dos sentidos, das coisas e dos homens. Macroestruturas que foram capazes de criar, por um certo tempo, a ilusão de estabilidade, de imutabilidade, de eternidade, para pôr fim desmoronarem sob o trabalho incessante do tempo e paciente das forças minoritárias de corrosão, de resistência, de sabotagem. Co-extensivo a tudo isso, a mesma pergunta a nos assaltar: Quem somos? desdobrada em mil outras questões e maneiras de se procurar uma identidade



Freud na psicanálise. Arthur Schopenhauer (1788-1860), já falava em “inconsciente”, inclusive, o termo já aparecia no romantismo alemão, na poesia etc. O que Sigmund Freud (1856-1939), fez foi descobrir as leis, as propriedades, as regularidades que escolheu chamar de *Wunbewusst* (inconsciente).

Nesse sentido poderíamos até mudar a pergunta para: se o inconsciente existe, ele foi descoberto ou ele foi inventado? Ele é “algo” que já estava aí a parte da nossa mente ou do nosso cérebro e o Freud foi lá e descobriu como ele funciona? Ou, no fundo, o inconsciente é uma espécie de invenção, ele foi criado como uma “máquina”, um “dispositivo”, um “artefato” humano que é produzido sob determinadas circunstâncias ou não (por exemplo, se as circunstâncias não são dadas a gente não teria inconsciente)? Nós estamos falando de uma “entidade”? Nós estamos falando de uma espécie de “armário” com ideias, com lembranças (que vão se acumulando aí a gente vai lá e repõe esses conteúdos de novo na consciência)? O inconsciente seria tudo aquilo que “escapa” à consciência? Nesse sentido o inconsciente pode aparecer como um pressuposto metafísico, uma espécie de crença etc.

O inconsciente é um conjunto de efeitos e hipóteses que se reaplicam a esses efeitos, por exemplo, quando a gente vai dizer uma coisa e diz outra; quando a gente sonha; quando a gente encontra certas repetições quase que impulsivas na nossa vida;

contínua, imutável; identidade construída para esquecermos de nossa condição de seres solitários condenados a viverem em grupo, seres abandonados neste mundo onde tudo temos que criar, que inventar, que simular, até a natureza, os deuses e nós mesmos. Porque, em princípio, somos nada e ninguém é que tudo inventamos; na procura de dar sentido às nossas vidas, seja como individualidades, seja como coletividades, produzimos, trabalhamos, consumimos, lutamos, conquistamos, colonizamos, organizamos, exercemos o poder, nos submetemos, pensamos, amamos, gozamos, sonhamos, imaginamos, escrevemos, pintamos, representamos. Porque a nossa natureza é a de negar a natureza que há em nós, de transmutá-la em cada gesto, expressão ou movimento, realizamos, elaboramos corpos e identidades corporais, tomamos o corpo como matéria prima para fazer com ele milhares de estrias, de tatuagens, de marcas, de símbolos, de rituais que corporificam a ordem social. Nós que vivemos na América, filhos de um dos momentos de aceleração do processo de mundialização dos fluxos de capital e das formas e matérias de expressão culturais, filhos de nações que, recentemente criadas, já saíam em busca de seu desdobramento para novos territórios, já buscavam colonizar novas terras e povos, já tentavam impor suas verdades e suas identidades a quem consideravam inferiores, ainda continuamos hoje fazendo esta pergunta. Séculos de luta, de discursos políticos, de produção historiográfica, de textos literários, de obras de arte, não foram capazes de dizer de uma forma definitiva afinal quem somos, não foram capazes de desenhar para nós um rosto que pareça definitivo e veraz. Em cada momento histórico nosso rosto foi desdobrado, reescrito, revisado, refeito, nossa verdade dita, redita, desdita, nossa essência repensada, redefinida. Nossa identidade sempre foi anunciada como estando em crise, como sendo falsa e, a cada promessa de descoberta da verdadeira, nos encontramos com a constatação que ainda não é essa nossa definição definitiva”(ALBUQUERQUE JÚNIOR:2013). Existe “consciência histórica”?



quando a gente se depara com sintomas; quando a gente estabelece certos modos de relação que se repetem com os outros (sempre os mesmos erros ou sempre os mesmos acertos etc); logo, esse conjunto de “fenômenos” Freud recolheu para postular a existência do inconsciente. Em outras palavras, o inconsciente não é um lugar “escondido”, um lugar metafísico, mas a pergunta que é decisiva para a gente entender o nível de existência do inconsciente é onde ele fica? Pois, por acaso, se eu disser que ele fica noutra planeta, no mundo das ideias ou numa outra dimensão, eu estarei dizendo algo sobre o nível de existência do inconsciente, ou seja, discutir o lugar do inconsciente é dizer algo sobre o seu nível de existência.

A “resposta” mais convincente, para mim, foi dada por Jacques Lacan (1901-1981), LACAN (1957-58)⁶ observou que se o inconsciente é algo que é criado, inventado a partir de uma maneira de e star na linguagem, o lugar do inconsciente é a linguagem. E a linguagem existe? O mesmo nível de existência da linguagem é o nível de existência do inconsciente. O inconsciente foi definido por Freud para definir um conjunto de processos de singularização baseados, portanto, na condensação e no deslocamento, ou seja, uma ideia que é condensada com outra, que é fusionada com outra, e o deslocamento é quando você passa a energia pulsional, uma energia psíquica de uma ideia para outra, e, que formam a gramática básica dos processos primários. Em outras palavras, o inconsciente é uma espécie de segunda consciência de grupo psíquico separado que está sujeito a leis

⁶ 1957-58 é o ano maravilhoso de Lacan, quando resolve fazer do Édipo freudiano uma metáfora, e do falo um significante - quando opõe na fala a demanda e o desejo, distinção bastante sofisticada e bastante simples ao mesmo tempo -, quando escreve seus grandes textos sobre a psicose, a significação do falo, a direção do tratamento, sem contar seu artigo sobre André Gide - quando constrói metodicamente as etapas de seu 'grafo do desejo', ponto culminante do volume de seus Escritos. Vemos aqui avermelhar-se a bigorna de onde saíram, em meio a uma nuvem de fagulhas, os conceitos mais bem forjados, os mais operatórios, do maior dos freudianos. O neófito encontrará aqui como se iniciar na psicanálise num ritmo galopante: um diabo de homem o coloca na garupa e o carrega em uma cavalgada desenfreada em que se alternam os risos e os grafos. No início, são sete lições sobre o chiste, curiosas e sagazes, e seu conjunto preserva um clima de alegria, de gaio saber, até o final, quando se dá o estudo do tratamento de uma paciente obsessiva. Os amigos estão presentes: Lacan relata uma conversa com Jakobson, outra com Lévi-Strauss, uma história de Queneau, a frase de uma moça bem educada; graceja delicadamente a respeito de Dolto, comenta a última brochura de Leiris, conta O balcão de Genet. (...) Apostemos: publicado quarenta anos depois da realização do seminário, este livro de um precursor será mais facilmente lido pelo público do novo século." Jacques-Alain Miller



próprias. Leis de associação que estão baseadas no retorno a traços mnêmicos de satisfação.

O inconsciente não é depósito de coisas, um depósito de ideias, mas é uma regra de associação, uma regra de simbolização, é uma regra a partir da qual os desejos que não são admitidos na consciência, ou porque sofrem um repúdio da moral, do eu que são esses negados pela consciência, eles passam por um processo de “desligamento”. A parte da representação ligada a coisa e a parte da representação ligada a palavra são desconectadas. Essa “desconexão” faz com que as ideias separadas adquiram um outro princípio de ligação, que o Freud chamou de processos primários, e que vão determinar e que vão presidir as formações do inconsciente (sonhos, chistes, atos falhos e transferências etc).

Liguemos a televisão. Um “careca do ABC”, de aproximadamente 1,65m de altura, olha fixo para a câmera e dispara: “Você já viu um nordestino com 1,80m de altura e inteligente?” O que ele se considerava, obviamente. Mudemos de canal. Em cidade nordestina, a pretexto de cobrir as festas juninas, dois humoristas procuram insistentemente por alguém que tivesse visto o cangaceiro Antônio Silvino; aproximam-se de um velho e à queimadura perguntam: “Antônio Silvino era cabra macho mesmo?”. Continuemos assistindo, pois é um programa de humor. Na feira da cidade ressurgem Antônio Conselheiro, com um aspecto enlouquecido, vocifera uma pregação desencontrada, vestido com um roupão branco e trazendo um enorme bordão de madeira, com que ameaça as pessoas. Esquecidos da cidade e da festa que vieram cobrir, procuram ceguinhas cantadoras de embolada e uma procissão em louvor a Santo Antônio. Termina o programa com Lampião e Maria Bonita, no Rio de Janeiro, atirando para todo lado, para acabar com a imoralidade na praia e porque é bom ver gente cair. Mudemos outra vez de canal. A novela das oito horas é mais uma vez sobre o “Nordeste”, pois lá estão presentes o coronel, muitos tiros e tocaias, o padre, a cidadezinha do interior e todos os personagens falam “nordestino”, uma língua formada por um sotaque postiço e acentuado e um conjunto de expressões pouco usuais, saídas do português arcaico, de uma determinada linguagem local ou de dicionários de expressões folclóricas, de preferência. Mudemos de canal, à procura do noticiário. Está havendo seca no Nordeste. Que bom, temos a terra gretada para mostrar, a caatinga seca com seus espinhos e crianças brincando com ossinhos, como se fossem bois, chorando de fome, dá até para o repórter chorar também e quem sabe promover mais uma campanha eletrônica de solidariedade (ALBUQUERQUER JÚNIOR:2001;19-20).

Quando pesquisei sobre a invenção histórica do Nordeste e do nordestino como uma identidade regional e uma identidade sexual, Durval Muniz de Albuquerque Júnior explicava aos seus orientandos que o falocentrismo do discurso do cordel se explicita,



também, pelo uso recorrente de imagens que remetem à virilidade ou à genitália masculina. Explora várias associações de imagens, que na cultura popular, alia, inclusive, instrumentos e gestos de agressão com atitudes típicas do masculino, do macho. O cabra pode ser frouxo ou duro, ele pode se meter ou não, ele gosta de um cacete, gosta do jogo do pau furado, é um homem inteirado, gosta de furar, ele gosta de andar armado, o sujeito é mole, enterra até o cabo, e pergunta que tal o gosto do ferro etc. Encontradas recorrentemente neste discurso, estas imagens demonstram a clara associação entre masculinidade, nordestinidade e violência, agressividade e competição (ALBUQUERQUE JÚNIOR: 2001;2003).

Para quem gosta de história/ de cacete, foice ou faca/ surgiu agora as bravuras/
de Maria Jararaca/ leiam e depois me digam/ se mulher é parte fraca./ A moça
era Maria/ de gênio e instinto forte/ perversa e muito briguenta/ punha em jogo
sua sorte/ brincava com a desgraça e desafiava a morte,/ Seus pais vendo que
não davam/ jeito (sic) nenhum a seu mal/ deixou a cargo do mundo/ seguindo
a vida ilegal/ braba, assanhada e afoita/ um verdadeiro animal/. Maria em casa
gritava/ eu não guardo desaforo (sic)/ comigo é na cacetada/ brincou comigo é
no couro/ até minha professora/ tem que me guardar decôro (sic)/ Não sabia
que Maria/ tinha aprendido a dar murro/ maosada (sic) em cara de macho/ que
o cara dava urro/ mordida que só cachorro/ dava coice que só burro
CAMPOS:s/d).

As narrativas presentes nos folhetos de cordel mostram-nos que homem no duro não dá mole para a mulher e quem é mole não se mete, inclusive, o Nordeste é narrado através da Literatura de Cordel como sendo a região onde até as mulheres são macho, sim senhor!

Enrijecimento de organismo potente; tipo fisicamente constituído e forte; aspecto dominador de um titã acobreado; verdadeiro pai-d'égua; gritando muito e descompondo como um capitão de navio; homem bravo; homem de gênio forte; cabra se fazendo em arma com facilidade; falando sempre em mulheres; quase nu, de brincadeiras com os outros, com os gestos dos touros, de pernas abertas e membros em riste, no deboche, na gargalhada; homem encourado, vermelho, com o guarda-peito encarnado, desenhando-se o busto forte e as longas perneiras ajustadas ao relevo poderoso das pernas; uma rajada de saúde e força; músculos salientes e mãos calosas; mãos que seguram o fumo de corda e o canivete com que faz o cigarro de palha; mãos que manejam o chicote, o rebenque e a repetição, que manejam os facões, os machados e as foices, derrubando árvores e homens, jogando para longe matas, inimigos e assombrações; rosto picado de bexiga, fechado e soturno, contraído de raiva, que vê raios e ouve trovões, escuta o miado das onças e o silvo das cobras; cabra macho que luta como Lampião, que enfrenta um batalhão, que trabalha de sol a sol, que de noite vai pro sermão, que reza para Padre Ciço e fala com



Frei Damião; homem que prefere morrer a ser desonrado. Ser às vezes desgracioso, desengonçado, torto; andar sem firmeza sem apumo, quase gigante e sinuoso, aparentando a translação de membros desarticulados; que caminhando não traça trajetória retilínea; aparência de cansaço que ilude, pronta a se transfigurar diante de qualquer incidente, estadeando novas linhas na estatura e no gesto; cabeça que se firma, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; descarga nervosa instantânea; figura vulgar de tabaréu canhestro a se desdobrar em força e agilidades extraordinárias. Eis o nordestino (ALBUQUERQUER JÚNIOR:2003;19-20).

Na invenção histórica do nordestino o mesmo surge primeiro na linguagem, inclusive, a primeira investigação de pesquisa que buscamos fazer foi localizar em diversas fontes de história o momento em que aparecem pela primeira vez nas fontes de história os termos “Nordeste” e “nordestinos”. Talvez este tenha sido o primeiro “lugar” que habitou o Nordeste e o nordestino, ou seja, na linguagem.

Se o inconsciente se estrutura em forma de linguagem, a masculinidade, o gênero e a violência se tornaram elementos constitutivos da invenção do Nordeste e do nordestino.

Seria interessante saber se a psicanálise é ou não uma ferramenta legítima para a compreensão do passado? Obviamente que não se pode e nem se quer psicanalisar os mortos, mas estabelecer as interfaces possíveis entre a História e a Psicanálise.

O “falo” na Psicanálise freudiana não é uma parte do corpo, mas uma “incógnita” que permite ler e interpretar a função de “causa” e “desejo” (seja para o meu desejo, seja para o desejo do outro ou seja ainda a diferença entre os sexos). O que torna um “X” e o outro “Y” é ser e ter esse elemento que o Freud nomeou de o “falo”. Considerando a constituição do sujeito e os progressos da pulsionalidade o Freud vai mostrando que o “falicismo” é um momento de integração e de subordinação das pulsões parciais (um momento autoerótico), num segundo momento uma fase “Narcísica” (a satisfação é com o próprio eu), e, num terceiro momento um modo de relação com o outro (baseado no amor e objeto). Nesses “três momentos” segundo Freud teremos uma subordinação da sexualidade a representação desse objeto chamado “falo” – um princípio geral de diferenciação representado pelo “falo” (mas não significa que se estar a falar do “falocentrismo” dos discursos como pensou Michel Foucault). Seria mas ou menos o seguinte: uma situação, um contexto RELACIONAL entre estes “três momentos” citados

acima que liga os “desejos” com os nossos “corpos” (desejos sendo processos de simbolização, enquanto retorno a traços mnêmicos de satisfação com as experiências corporais imediatas. Nesse sentido freudiano o “falicismo” é um princípio de organização das pulsões (unificação das pulsões), em oposição a sua diversidade inicial. Ou seja, tanto a mulher como homem são articulados nessa relação entre se identificar com o “falo” ou desejar o “falo”.

O conceito de “castração” é mais importante do que é o conceito de “falo”, pois é do conceito de castração que Freud deduz a existência de algo que seria o objeto que responde a falta. No entanto, este objeto que responde a falta é um objeto perdido (um objeto que não vai ser encontrado), um objeto que funciona como repetição de um desencontro, a repetição de algo que nunca se deu e que nunca se dará.

A violência nossa de cada dia, dentro ou fora da região, se manifesta a partir do momento que em nome de uma “identidade” seja nacional, seja regional, seja estadual, seja local tenha como “ponto de partida” um comportamento cultural que esteja atravessado historicamente por preconceitos contra a origem geográfica e de lugar para qualquer um de nós. Não podemos esquecer que no Brasil,

O preconceito por origem geográfica, marca, especialmente, os nordestinos. Este preconceito se expressa, por exemplo, através dos estereótipos do “baiano” e do “paraíba”, denominações que são usadas genericamente em São Paulo e no Rio de Janeiro, respectivamente, para se referirem aos migrantes vindos da região Nordeste. Ao nordestino ainda estão vinculados outros tipos sociais vistos com certo desprezo, com comiseração ou com medo, como: o retirante, o flagelado, o migrante, o pau-de-arara, o arigó, entre outros (ALBUQUERQUE JÚNIOR:2007;89).

O Nordeste e o nordestino fazem parte de um processo de naturalização entre os brasileiros, mas os mesmos nem sempre existiram, como faz crer quase toda a produção artística, literária e acadêmica contemporâneas, que normalmente se referem ao Nordeste como este tendo existido desde o período colonial; os portugueses já teriam desembarcado no Nordeste e teria sido esta a área onde primeiro se efetivou a implantação da colonização portuguesa, com o sucesso da produção açucareira. Esta designação Nordeste para nomear uma região específica do país, tendo pretensamente uma história particular,

uma cultura singular, só vai surgir, no entanto, muito recentemente, na década de dez do século XX, como dito anteriormente.

Uma baianada passa a ser toda atitude que desobedece a estes códigos pretensamente mais civilizados e modernos de se comportar, assim como tudo que é considerado um mal feito é visto como coisa de baiano. Até as barras de concreto que dividem determinadas avenidas ou ruas são chamadas de gelo baiano. Esta população vai ser, inclusive, vítima da perseguição policial que busca inibir a realização de algumas de suas manifestações culturais como o candomblé e a capoeira.

Mas a ideia de Nordeste vai emergir, justamente, num momento em que, de modo excepcional, um homem vindo de um pequeno Estado do Norte assume a presidência da república, já que os Partidos Republicanos paulista e mineiro, que se revezavam no controle do poder nacional, não chegaram a um acordo para a sucessão presidencial, resolvendo escolher um representante de um pequeno estado, que pudesse ser melhor controlado, recaindo a escolha sobre Epiácio Pessoa, pelo destaque nacional que este tivera com sua participação como representante do Brasil na assinatura dos acordos que puseram fim à Primeira Guerra e que deram origem à Liga das Nações (ALBUQUERQUE JÚNIOR:2007;89).

Obviamente, que para a construção da ideia de Nordeste foi fundamental o movimento cultural e artístico, encabeçado por Gilberto Freire (1900-1987), que tem como ponto de partida, justamente, a cidade do Recife, o Movimento Regionalista e Tradicionalista, que se articulou em torno do Centro Regionalista do Nordeste, criado em 1924, e que tem como ponto culminante a realização do Congresso Regionalista do Recife, durante o carnaval de 1926.

Outro aspecto intimamente relacionado a invenção do Nordeste e do nordestino e também com uma identidade regional que se cruza com uma identidade sexual, é o fanatismo religioso que é tomado como mais um indício do atraso, inclusive mental e psicológico, em que viveriam as populações pobres da região. Fenômenos de grande repercussão nacional como o de Canudos e de Juazeiro do Norte, encabeçados por Antônio Conselheiro e Padre Cícero, contribuíram para que o Nordeste fosse visto como a região da religiosidade popular, por excelência.

Há uma estratégia da estereotipização que podemos encontrar facilmente entre todos os discursos que envolvem e fundam a ideia de Nordeste e de nordestino, no começo do século XX. No entanto, não podemos nos esquecer que o discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade

acrítica, é fruto de uma voz segura e autossuficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo (ALBUQUERQUE JÚNIOR:2001;20).

É óbvio e ululante que a “violência” articulada historicamente numa estrutura de linguagem atravessada por uma identidade regional e uma identidade sexual carece de um historiador psicanalítico para também poder explicar de que forma o “inconsciente” pode explicar a violência psicológica e física que surge através do preconceito contra a origem geográfica e de lugar no país que vivemos.

Ele era conhecido/ pelo rei da valentia/ mostrava sua bravura/ em toda parte que ia/ e quem lutasse com ele/ de todo jeito perdia./ Dizem que ele nasceu/ no sertão do Ceará/ seu nome era Topa-Tudo/ porém, arribou de lá/ com 10 anos de idade/ e foi morar no Pará./ No Estado do Pará/ uns 5 anos passou/ completou seus 15 anos/ e uma noite ele brigou/ num baile que houve lá/ e mais de 50 matou (LEITE: s/d).

Não é possível que o discurso “matriz” da História seja o único discurso possível para se apresentar, narrar e problematizar a história de um garoto que antes mesmo de nascer brigou um ano e seis meses dentro de um cabaço? Pouco importa, seja para a História seja para a Psicanálise, se essa história narrada em verso na Literatura de Cordel seja verdade ou mentira, não é mesmo? Mas interessa a ambos o fato da mesma ter sido possível de ser narrada e acolhida seja como poesia seja como história, entre a ciência e a ficção.

A violência não é um órgão como é o meu fígado ou os meus rins. A violência não é só algo que precisa de acolhimento, que precisa de “tratamento”, mas algo que fala de todos, que fala do modo como estamos vivendo. Não podemos desconsiderar que existem várias formas paradigmáticas de violência e ao longo do tempo transformações que vão exprimindo e que diz respeito aos nossos laços sociais, de trabalho, de relação familiar, de relação consigo mesmo e assim por diante. Não é suficiente para a humanidade suportar apenas a sua existência a partir do discurso histórico,



principalmente, se os historiadores continuarem “trêmulos” diante do método de investigação da Psicanálise.

Quem é que está em posição de dizer o que é “violência” se não for justamente aquele que está em posição de poder? Violência é uma interpretação, é uma certa atribuição de sentido, é uma descontinuidade, é uma transformação que viola nossas expectativas por um lado, mas que também confirma nossas expectativas por outro lado, ou seja, a “violência” é o que acabamos de definir acima e, inclusive, não só complementares, mas também no seu conjunto equívocas as definições dadas acima. Primeiro a violência do Estado e em segundo a violência de quem transgrede a lei. Ambas complementares, mas em seu conjunto equivocadas, pois não é possível que existam apenas essas duas concepções do que possa ser a violência? Obviamente, que estas duas alternativas acima de definição da violência promovem uma “totalidade” falsa. Para Jacques Lacan, a violência seria um dos nomes do “real” mas que, no entanto, devemos ter muita prudência, pois a violência não é exatamente aquilo que a gente “pega” e localiza imediatamente.

São Paulo, terra querida/pelo povo nordestino/onde lutam pela vida/homem, mulher e menino/do oficial ao servente/cada um toma seu destino./Paulistas os chamam caipira/porém nenhum se aborrece/escuta/faz que não ouve/e o seu amor oferece/ ao trabalho com afã/na cidade que mais cresce./ São Paulo tem nordestino/muito mais que no Norte/trabalham por essa terra/nosso nordestino forte/homem de pulsos de aço/que lutam até a morte/O Nordeste é um guerreiro/de grande disposição/povo forte que nasce/recebe o galardão/desta cidade que acho/ser orgulho da nação./O nordestino não dorme/lutam com bem serventia/trabalham incansavelmente./Ninguém segura o nortista/e nem toma o seu valor/bichos fortes de coragem/deveras, o trabalhador/é como diz o ditado/cabra macho, sim senhor (BARROS: s/d).

Enfim, o historiador tem que reconhecer que a existência de uma certa quantidade de energia que o ser humano pode investir em suas fantasias, não dependem exclusivamente que as circunstâncias as tornem disponíveis. Uma vida de trabalho penoso, sem descanso, raramente dar lugar seja a um radicalismo realista, seja a esquemas utópicos. Sonhos de melhorar a própria sorte não surgem automaticamente, vindos do nada. Requerem um fundamento otimista, um sentido de abertura, ou pelo menos de uma abertura futura, e alguma corporificação verbal concreta – uma espécie de divisa ou

programa em torno do qual as fantasias desejantes possam ser aglomeradas – antes que uma mudança drástica para melhor possa ser até acolhida. E, isso Freud explica! Uma “mobilização da esperança” que em grande medida funciona fora do domínio da consciência. Não haveria nos processos dos migrantes nordestinos para São Paulo uma “psicologia do senso comum” funcionando na História das histórias desses migrantes?

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Prefácio de Margareth Rago. – 2ª ed -Recife:FJN, Ed. Massangana; São Paulo, 2001;

_____. **Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)**. Maceió: Edições Catavento, 2003;

_____. **Preconceito contra a origem geográfica e lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007;

_____. **A história cultural no Brasil: entrevista com Durval Muniz de Albuquerque Júnior** in: Revista TEL, Irati, v. 7, n.1, p. 09-33, jan. /jun. 2016- ISSN 2177-6644;

_____. **Desassossegos contemporâneos ou quando tudo parece estar em crise** in: http://simposioufac.blogspot.com.br/2013/07/durval-muniz-de-albuquerque-junior_31.html. 2013; Acesso em 17/02/2018 às 21:03hs;

BARROS, João. **O que faz o nordestino em São Paulo**. Folheteria são Paulo; s/d

CAMPOS, Francisco de Sousa. **As bravuras de Maria Jararaca**. Olinda: Casa das Crianças, s/d, p.1,2,3 e 6;

DE CERTEAU, Michel. **História e Psicanálise: entre ciência e ficção**. Tradução de João Guilherme de Freitas Teixeira – 2ª ed – Belo Horizonte: Autêntica Editora;2016;

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Falando Nisso**. São Paulo: Zagadoni Editora, 2017;

FREUD, Sigmund. **Obras completas. Volume dez**. 1909;

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro; Revisão de Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999;



LEITE, José Costa. **O rapaz que brigou um ano e seis meses dentro de um cabaço.**
s/e; s/d.